

Cartas, cativos, e Humanidades Digitais: uma análise da presença do cativo em escritos epistolares portugueses e espanhóis dos séculos XVI-XVII

Cartas, cautivos, y Humanidades Digitales: un análisis de la presencia del cautivo en escritos epistolares portugueses y españoles de los siglos XVI-XVIII

Letters, Captives, and Digital Humanities: An Analysis of the Presence of the Captive in Portuguese and Spanish Epistolary Writings: 16th to 18th Centuries

Dirección

Clara Martínez
Cantón

Gimena del Río
Riande

Ernesto Priani

Secretaría

Romina De León

Leila VIEIRA

The Ohio State University

vieira.31@osu.edu

RESUMO

Este artigo examina a figura do cativo português e espanhol em escritos epistolares privados dos séculos XVI-XVIII compilados pelo projeto digital *P.S. Post Scriptum*. Em minha análise utilizo a ferramenta *Voyant Tools* e os estudos sobre a experiência de cativo escritos por Friedman (1983), VanderBeets (1973), e Voigt (2008, 2009). O objetivo deste artigo é analisar as diferenças entre como a experiência de cativo é relatada nas correspondências escritas pelos próprios prisioneiros e nas cartas na qual ele é mencionado em terceira pessoa. No primeiro caso, o foco é no sofrimento, confinamento, e trabalho duro pelo qual eles passam, assim como em súplicas a Deus e no desejo de manter contato com familiares. Nas cartas em terceira pessoa, por outro lado, as dificuldades da experiência do cativo não é relatada.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos luso-espanhóis, cativo, cartas, Humanidades Digitais, análise textual.

RESUMEN

Este artículo examina la figura del cautivo portugués y español en escritos epistolares privados de los siglos XVI-XVIII compilados por el proyecto digital *P.S. Post Scriptum*. En mi análisis utilizo la herramienta *Voyant Tools* y los estudios sobre la experiencia de cautiverio de Friedman (1983), VanderBeets (1973), y Voigt (2008, 2009). El objetivo del artículo es revelar las diferencias entre el relato de la experiencia de cautiverio en la correspondencia escrita por los prisioneros y en las cartas en las cuales el cautivo es mencionado en tercera persona. En el primer caso, el foco de los escritos se centra en el sufrimiento, el confinamiento y el duro trabajo al que se ven sometidos los propios cautivos, en la súplica a Dios y el deseo de mantener contacto con la familia. En las cartas escritas en tercera persona, en cambio, las dificultades de la experiencia del cautiverio no son relatadas.

PALABRAS CLAVE

Estudios luso-españoles, cautivo, cartas, Humanidades Digitales, análisis textual.

ABSTRACT

The focus of this article is the Portuguese and Spanish captive in private epistolary writings from the 16th to 18th centuries compiled by the digital project *P.S. Post Scriptum*. In my analysis I use *Voyant Tools*, and studies about the experience of captivity written by Friedman (1983), VanderBeets (1973), and Voigt (2008; 2009). My goal is to analyze the differences in how the experience of captivity is described in correspondences written by the prisoners themselves and in the letters in which they are mentioned in the third person. We see that in the letters written by captives the focus is on the suffering, confinement, and hardships they endure, as well as their prayers to God and the desire to maintain contact with relatives, whereas in the letters written in the third person, these difficulties are not reported.

KEYWORDS

Luso-Spanish Studies. Captives. Letters. Digital humanities. Textual analysis.

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio enfoca-se na figura do cativo português e espanhol –o preso europeu que encontra-se em uma situação de cativo em uma região distante–em escritos epistolares privados dos séculos XVI-XVIII. O objetivo do artigo é discutir como a experiência de cativo é relatada de forma diferente em cartas escritas pelos próprios prisioneiros e em cartas em que o cativo é referido em terceira pessoa a partir de uma análise utilizando ferramentas das humanidades digitais. A utilização da ferramenta *Voyant Tools* permite uma visualização dos resultados em que duas hipóteses foram levantadas: 1) se existe alguma diferença temática entre as cartas portuguesas e espanholas; e 2) se há diferenças entre as cartas escritas pelos próprios cativos e as cartas em que eles são mencionados, mas que não são o remetente da correspondência. Em relação ao primeiro ponto, encontramos que as cartas escritas por portugueses e espanhóis são muito similares em relação ao tema e relato de cativo. A principal diferença é que a busca por cartas espanholas com os parâmetros estabelecidos para este ensaio resulta em correspondências escritas somente pelos próprios cativos (e não cartas em que ele é referido na terceira pessoa). Em relação à segunda hipótese, cartas em que o cativo ibérico relata a sua própria experiência têm como enfoque o sofrimento durante o cativo e o desejo pela liberdade, enquanto relatos de terceiros não levam em consideração o bem-estar do prisioneiro, como veremos na análise abaixo.

Durante o período de expansão marítima e colonização portuguesa e espanhola muitos europeus tornaram-se cativos. Narrativas sobre o cativo eram comuns na literatura espanhola do Século de Ouro (Voigt, 2008, p. 204), mas não muito presentes na literatura portuguesa, principalmente se comparado com o número de estudos e obras sobre cativos nas Américas inglesa e espanhola. O objetivo e motivações para estas narrativas no âmbito literário eram “de instruir e informar, de comprovar os seus serviços ao rei, de assegurar a verdade da sua história, de deleitar os leitores” (Voigt, 2008, p. 223). Voigt também destaca que:

Por meio dos avisos e da informação contida nas relações de naufrágio e de cativo, os narradores –sobretudo quando são autodiegéticos– tentam recuperar uma experiência do fracasso da expansão imperial, tornando-a útil para futuras expedições (p. 212).

Tais narrativas servem, então, como fontes de informações para futuras expedições e para preparar os navegadores caso fossem capturados.

É importante destacar também que mesmo com relatos de *fracasso* a exaltação e glorificação do império está presente nas narrativas literárias de cativo e naufrágio. Esta é uma das principais diferenças entre narrativas oficiais e literárias e os escritos epistolares, já que as cartas são pessoais e não mostram tal preocupação com os interesses imperiais. Nas narrativas literárias que contam a experiência do cativo, a tragédia está relacionada ao discurso triunfalista da expansão imperial; os escritos epistolares, porém, oferecem um ponto de

vista desta experiência em que discurso oficial não está em voga. Também comum nas narrativas literárias sobre cativos é a circularidade da experiência de cativo. Voigt (2008) explica que “as relações de cativo registram um movimento circular –desde a casa, a pátria e a civilização, até o cativo numa terra estranha e bárbara, de onde finalmente se regressa” (p. 216). Nos escritos epistolares analisados neste artigo, esta circularidade não é completa, já que os prisioneiros não se encontram em liberdade. Nas correspondências, o momento presente que está sendo descrito é o da experiência de cativo e não temos nenhuma evidência, aliás, que tal circularidade será alcançada.

A análise do corpus do presente ensaio será dividida em duas. Primeiramente, discutirei os resultados gerados na utilização da ferramenta de análise textual *Voyant Tools* a partir de um *distant reading*, utilizando o termo de Franco Moretti (2007, 2013). Logo, levando em consideração os resultados da análise pelo *Voyant*, farei um *close reading* das cartas com ênfase em como a experiência e sofrimento do cativo é retratada nestes escritos epistolares. Divido o corpus em dois grupos: no primeiro estão as cartas que contêm relatos sobre cativos contados em terceira pessoa; no segundo, cartas escritas pelo próprio prisioneiro sobre sua experiência de cativo. Tal comparação mostra diferentes atitudes em relação à situação de cativo. A divisão de cartas por idioma não se vê necessária uma vez que a temática das cartas portuguesas e espanholas são extremamente similares, o que indica que a experiência de cativo foi semelhante durante o período imperialista tanto de Portugal quanto da Espanha.

2. METODOLOGIA

Antes da análise da experiência do cativo é necessária uma breve introdução aos recursos de humanidades digitais e da metodologia utilizados neste artigo. Meu acesso às cartas só é possível graças ao projeto *P.S. Post Scriptum: Arquivo Digital da Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna*, da Universidade de Lisboa, e liderado pela professora Rita Marquilhas. Este projeto digitalizou escritos epistolares privados interceptados pela Inquisição ou por tribunais civis, eclesiásticos, ou militares com o objetivo de chegar próximo à retórica oral utilizada na Idade Moderna. Poole (2017), em “The Conceptual Ecology of Digital Humanities”, explica os benefícios da digitalização ao defender que tal processo:

allows the republication or display of out-of-print materials or materials in previously-inaccessible formats, the integration, reunification, or enrichment of collections, searchability, user (expert and novice) participation, crowdsourcing, remote access, and institutional visibility (p. 99).

É importante destacar, porém, que *P.S. Post Scriptum* vai além da simples digitalização das cartas e de facilitar o acesso às fontes primárias para que pesquisadores sem o acesso à materialidade das cartas consigam analisá-las para contribuir para o campo. O site disponibiliza metadados, transcrições (originais e modernizadas), e anotações linguísticas (tanto

morfossintática como sintática)¹ dos escritos epistolares. Na análise presente neste artigo foram utilizadas as versões modernizadas das cartas, cujo processo de modernização consistiu em normalizar a grafia e o léxico não-padrão e introduzir a pontuação do português e espanhol contemporâneos.

Para esta pesquisa, limitei os resultados da ferramenta de busca de *P.S. Post Scriptum* às cartas que continham a *keyword* “captive”. Esta busca resulta em 14 cartas em português e 9 em espanhol. Primeiramente, incluí todas como parte do corpus. Porém, somente cinco cartas portuguesas e sete espanholas tratam do cativo como um europeu preso por outros povos em outras regiões. Estas doze cartas foram então selecionadas. Correspondências de portugueses e espanhóis presos dentro do seu próprio país foram excluídas da análise.

O acesso a estas cartas em formato digital permite a utilização de ferramentas digitais de análise textual, como *Voyant Tools*, que auxilia na leitura e interpretação de textos. Como os criadores do *Voyant* explicam, esta é não é uma ferramenta que substitui a análise textual, mas “a tool worth thinking with” (Rockwell e Sinclair, 2016, p. 10, ênfase no original) e “augment reading rather than replacing it” (Rockwell e Sinclair, 2016, p. 17). Alguns dos recursos do *Voyant* são *Cirrus*, que cria uma nuvem de palavras baseada na frequência em que elas aparecem no corpus, e *TermsBerry*, que relaciona a frequência das palavras com outros termos com os quais elas co-ocorrem (duas palavras anteriores e duas posteriores ao termo selecionado). Ao fazer o *upload* do corpus no *Voyant*, adicionei artigos, preposições e pronomes em uma lista de *stopwords* (palavras que são ignoradas pela ferramenta) a fim de manter o foco em termos lexicais. Para o recurso da formação de nuvens de palavras (*Cirrus*), limitei o resultado a 75 termos.

Estes dois recursos apelam fortemente para uma interpretação visual do corpus, permitindo uma análise abrangente das cartas. Poole (2017) trata do tema da visualização nas humanidades digitais ao defender que: “Information visualization revolves around engaging persons’ pattern-recognition skills and thus around spatial interactivity and perspectivity” e que “it complicates facile interpretations of the past and provokes new research questions” (p. 102). Sinclair e Rockwell (2016) destacam a habilidade de transformar textos através da visualização: “Visualizations are transformations of text that tend to reduce the amount of information presented, but in service of drawing attention to some significant aspect” (p. 276). Apesar de estar trabalhando com um corpus reduzido, a percepção de conexões entre

¹ O site do projeto explica que: “A anotação morfossintática adota o sistema de etiquetas Eagles para o espanhol com pequenas modificações (cf. Sistema de etiquetas P.S. Post Scriptum). A anotação sintática (que para já apenas cobre c. 25% de um corpus equilibrado, com uma carta por autor) usa o sistema originalmente criado para os Penn Parsed Corpora of Historical English e adaptado à anotação do português em colaboração com as equipas dos projetos Tycho Brahe, da Universidade de Campinas, e dos projetos CORDIAL-SIN e WOChWEL, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa” [Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), 2014].

diferentes tipos de cartas e a possibilidade de tentar variadas combinações de uma forma rápida e com forte apelo visual só foi possível a partir da utilização das ferramentas proporcionadas pelo *Voyant*. A análise dos resultados visuais produzidos pela plataforma *Voyant* remete à ideia de Franco Moretti de *distant reading*, uma aproximação ao texto na qual: “distance is [...] not an obstacle, but a specific form of knowledge: fewer elements, hence a sharper sense of their overall interconnection” (Moretti, 2007, p. 8, ênfase no original) e que permite que o leitor enfoque-se: “on units that are much smaller or much larger than the text: devices, themes, tropes –or genres and systems” (Moretti, 2013, Chapter 2, Section 4, para. 3). A distância cria elementos concretos (no caso desta análise, *Cirrus* e *TermsBerry*) que transformam o texto em um elemento abstrato e que auxiliam no seu entendimento e interpretação. Como Jänicke, Franzini, Cheema, e Scheurmann (2015) explicam:

While close reading retains the ability to read the source text without dissolving its structure, distant reading does the exact opposite. It aims to generate an abstract view by shifting from observing textual content to visualizing global features of a single or of multiple text(s) (Chapter 2, Section 2.2., para. 1).

É exatamente esta distância, com as visualizações produzidas pela ferramenta *Voyant*, que ressaltaram as comparações que poderiam ser feitas entre as cartas em primeira e terceira pessoa. A decisão de dividir as cartas nestes dois grupos foi tomada após diversas tentativas de busca na plataforma, entre elas separar cartas por gênero, posição social do remetente, ou século, por exemplo. Rockwell e Sinclair (2016) explicam que:

Trying on a tool on a text is a form of bringing a hypothesis to a text. [...] As technologies present and mediate text, bringing questions to a text-analysis tool is not categorically different from bringing questions to a book (p. 161).

Enquanto a utilização da ferramenta *Voyant Tools* não oferece mais informações do que as que encontramos na leitura das cartas, é através da exploração dos resultados produzidos por esta ferramenta que permitem definir o tema deste artigo como uma análise comparativa entre os escritos epistolares em primeira e terceira pessoa. Após diversas buscas e hipóteses, os resultados deste contraste foram os que pareceram permitir uma análise mais produtiva. Tais experimentações e tentativas são facilitadas com a utilização de ferramentas digitais, como defendem Sinclair e Rockwell (2016):

[...] digital tools do facilitate experimentation with the representation of digital texts, and those representations can lead us, as readers, to observe noteworthy phenomena and connections, some of which, we may argue, are meaningful (p. 288).

As conexões sugeridas pelo resultado da busca, em um segundo momento, foram analisadas de uma maneira mais profunda através de um *close reading*. Como veremos abaixo, os principais contrastes sobre a experiência do cativo entre as cartas escritas em primeira e

terceira pessoa mostrados nos resultados do *Voyant* foram confirmados a partir da análise detalhada das correspondências.

3. O CATIVO EUROPEU NO NORTE AFRICANO

Durante o cativo, o europeu vê o seu poder desaparecer e a hierarquia que ele acreditava existir é desfeita. Em seu estudo sobre cativos na conquista espanhola da América, Concha (1986) descreve esta quebra de hierarquia, argumentando que:

[...] el dominador 'por naturaleza' pasa a ser, en la práctica y por un tiempo imprevisible, dominado y sojuzgado. En este sentido, el cautiverio no es otra cosa, desde el punto de vista de su impacto sobre la conciencia del opresor, que el mundo al revés (p. 7).

O poder e a superioridade que o europeu acreditava ter em relação aos outros povos desaparece e a hierarquia na qual ele acreditava é desfeita durante a experiência de cativo.

Em *Spanish Captives in North Africa in the Early Modern Age*, Friedman argumenta que a possibilidade de tornar-se cativo era muito presente na sociedade espanhola da época, e o mesmo pode ser dito sobre a realidade portuguesa. Friedman (1983) explica:

Captivity in North Africa was a real concern of people from all sectors of Spanish society. Although those who dwelt in coastal regions faced the greatest threat, residents of inland provinces were also affected, for they too took voyages by sea, or served in the military, or had friends or relatives who became captives (pp. xxv-xxvi).

A possibilidade do cativo e de conhecer alguém que tenha passado por esta experiência era comum na sociedade da época. Além de conhecidos, relatos oficiais e literários de cativos contribuem para a ansiedade frente à possibilidade de ser aprisionado. Voigt (2009), em *Writing Captivity in the Early Modern Atlantic*, defende que:

accounts of captivity in a variety of official, learned, and popular genres both reflected and contributed to widespread anxiety in the Iberian peninsula about the possibility of capture and enslavement by Moors and Turks" (p. 9).

Além de escritos oficiais e literatura, correspondências particulares com relatos de cativos, como as analisadas neste artigo, comprovam a proximidade e familiaridade da sociedade da época com a experiência de cativo.

Parte do medo de tornar-se cativo estava ligado à ideia da brutal violência com a qual cativos eram tratados no norte da África. De acordo com Friedman (1983), europeus da época acreditavam que a violência sofrida por cativos europeus no norte da África era extremamente violenta e bárbara; que:

[...] those who fell into the hands of the so-called Barbary pirates would expect a life of hard labor and cruel treatment, far crueller than that meted out to prisoners and captives in Christian societies or, for that matter, in any society in the past (p. 55).

está co-relacionado com “galés”, “Argel”, e “aqui”, mostrando a necessidade de marcar o espaço ocupado pelo prisioneiro e o tipo de trabalho que lhe foi assignado (Figura 2).

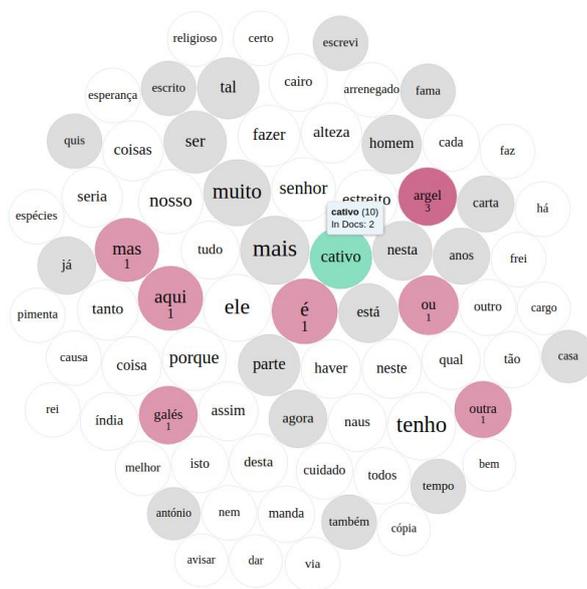


Figura 2. TermsBerry. Cativo em relatos de terceiros³.

Alguns termos lexicais são frequentes tanto nos relatos sobre cativos em primeira como nas cartas em terceira pessoa (Figuras 3 e 4), como “senhor”, “tenho” e “porque”. Chama atenção, porém, a presença de termos religiosos, familiares, e relacionados ao sofrimento nos relatos da própria experiência de cativo do remetente da carta tanto no corpus em português quanto no espanhol. Em relação à religiosidade, o termo “Deus” (8 ocorrências)/”Dios” (21 ocorrências) tem destaque. Termos de relações familiares (“irmão” e “primo” com 5 ocorrências cada; “hijo” com 7 ocorrências, “padre” e “mujer” com 6 ocorrências cada, “tío”, “madre”, “hermana” e “hermano” com 4 ocorrências cada) e conectados com a experiência do cativo (“trabalhos” com 5 ocorrências, “obrigação” e “liberdade” com 4 ocorrências cada, “miserável”, “saúde”, e “cativo” com 3 ocorrências cada; “cautivo” com 6 ocorrências, “esclavo” com 5 ocorrências, “trabajos” e “libertad” com 4 ocorrências cada) também merecem destaque, assim como a preocupação com marcar o tempo (com termos como “tempo” “anos/años”, e “agora/ahora”) e espaço (“aqui”, “casa”, “onde”, “cidade”, “tierra”, “Malta”, e “Argel”). A marcação de tempo e espaço remete ao longínquo espaço (tanto físico como temporal) habitado pelo cativo e a sua marginalização em relação à posição que ocupava previamente na sociedade europeia.

³ Uma versão interativa desta ferramenta pode ser encontrada em: <https://goo.gl/VMzLRi>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

mais especificamente como o sofrimento do cativo é tratado de maneira diferente nos dois grupos de escritos epistolares.

4.2. *Close reading* das cartas: a experiência e o sofrimento do cativo

Ao fazermos um *close reading* das cartas analisadas, muitos dos pontos levantados no *distant reading* a partir dos resultados da plataforma *Voyant Tools* são confirmados, como a descrição das dificuldades do cativo nas cartas escritas pelos próprios prisioneiros e o conhecimento sobre a expansão marítima imperial nas cartas em português que se referem ao cativo em terceira pessoa. Alguns pontos que pareciam ser mais presentes em um dos grupos, na verdade são significativos tanto nos escritos em primeira como em terceira pessoa, como a referência a locais geográficos e menções a Deus⁸. Nas cartas em português, a principal diferença entre os escritos em primeira pessoa e em menções ao cativo por terceiros é a maneira que o prisioneiro e a experiência de cativo é relatada. Em comparação com as cartas espanholas, todas escritas em primeira pessoa, vemos que as preocupações dos remetentes são semelhantes, mas que nas cartas espanholas há uma recorrência mais forte de menções a familiares.

Nas cartas em terceira pessoa, o cativo é tratado de uma maneira impessoal; é apenas mais uma informação trazida pelo remetente. Na carta do padre jesuíta Matias Bicudo Furtado (2014) ao embaixador português em Roma, o remetente menciona que encontra um português entre os cativos e que tentaria sua liberdade, o que deixa o cativo muito esperançoso: “Ficou ele algum tanto aquietado com esta esperança” (para. 3), “Passou alguns dias com esta esperança” (para. 3), “está certo da liberdade que Nosso Senhor por sua misericórdia lhe dará” (para. 3). Bicudo Furtado (2014), porém, não discute que a razão pela qual o cativo veja qualquer possibilidade de libertação com muita esperança é devido a seu sofrimento. Também menciona rapidamente um outro cativo português ao dizer “um Sequeira que aqui está cativo” (para. 11). O padre jesuíta não menciona nem o nome completo de seu conhecido e nem se comove com seu possível sofrimento⁹.

Outro exemplo da ausência de relatos do sofrimento do cativo é a correspondência do frade José de Santo Antônio à Inquisição para denunciar seu escravo, onde também há a menção de dois cativos portugueses. Neste escrito, o frade quer trocar um escravo por “um religioso da minha Província que se acha cativo em Argel” (Santo Antônio, 2014, para. 1) e, ao

⁸ Nas cartas do primeiro grupo, em que o remetente não é o próprio cativo, o termo *Nosso Senhor* é utilizado para referir-se a Deus.

⁹ Um contraste interessante entre a ausência do relato do sofrimento do cativo português é como os prisioneiros e escravizados pelos portugueses são descritos: “O que acerca dos escravos me mandou diga aos portugueses e fiadores...vivem todos muito contentes” (Furtado, 2014, para. 5). Tal relato lembra a afirmação de Friedman acima em que os europeus acreditavam que o tratamento dado por eles aos seus cativos era mais brando do que o tratamento dado por mouros a cativos cristão.

final da carta, informa que o nome de tal religioso é Frei Filipe do Espírito Santo. José de Santo Antônio (2014) também menciona o homem que trouxe a ele a carta de Filipe do Espírito Santo, “é um que nesta semana chegou de Argel resgatado” (para. 1). Nenhuma informação sobre a condição de cativo destes portugueses é relatada na carta. Apesar da inferida proximidade na relação entre José de Santo Antônio e Filipe do Espírito Santo, não há menção do sofrimento de seu compatriota. Vemos, então, que nas cartas em que o cativo é referido em terceira pessoa não há preocupação com o bem-estar do prisioneiro português em terras estrangeiras.

Ao contrário do que acontece nas cartas escritas por terceiros, nas correspondências escritas pelos próprios prisioneiros muita ênfase é colocada na sua experiência em cativo. Tanto nas cartas portuguesas quanto nas espanholas as dificuldades desta vivência são postas em evidência. Na carta de José Alves Pereira, cativo em Argel, temos um relato de como funciona o processo de trocas de cativos mouros e cristãos. Segundo Friedman (1983), “Some slaveowners would not permit their captives to be rescued for money, but would exchange them for Muslims who were slaves in Christian lands” (p. 156), e a experiência de Pereira é um exemplo disso. O português escreve:

vem a ser o caso que me fala um mouro que tem nessa terra um irmão e pergunta se tenho quem nessa cidade me valha para que este alcance o ser solto. Não terá dúvida a tirar-me deste cativo, importunando-me que faça com brevidade esta diligência (Pereira, 2014, para. 1).

O tom de urgência e desespero com que Pereira escreve durante toda a carta revela que ele deseja acabar com a sua experiência como cativo o mais rápido possível. A carta do espanhol Alonso de Yébenes (2014) também menciona o processo de libertação de cativos por meio de pagamento, ao informar que “estoy en poder de un turco el cual me diçe que le de çien escudos de oro y que me dara libertad” (para. 1). Outro exemplo é a carta de Pedro Boronat (2014), que reclama a seu filho que ele não enviou dinheiro suficiente para comprar sua liberdade: “por falta de cuarenta o cinquenta pesos, he quedado esclavo por ser poca vuestra diligencia” (para. 1). Boronat então pede que seus filhos juntem o dinheiro que falta ou que penhorem ou vendam sua casa. A ânsia pela liberdade é evidente na carta de Boronat, que venderia sua casa em troca da liberdade.

Nas cartas escritas pelo próprio cativo sobre a sua experiência de cativo, o relato do sofrimento pelo qual eles passaram está muito presente. Jorge (2014), um doutor que escreve a seu primo sobre sua expedição militar contra Argel, inicia sua carta mencionando que “foram tantas as tormentas que passei” (para. 1). Ele então descreve que durante seu cativo pelos turcos “muitos ameaços e penas que me deram, com muitos maus pastos que comi, que tudo e outras penas que passei caí em umas más opilações de fígado e estômago” (Jorge, 2014, para. 1) e informa que “Tenho debilitado os nervos dos pés por amor do muito laborioso que fiz quando fugi” (Jorge, 2014, para. 1). Jorge relata seu sofrimento e trabalho forçado, que

resultaram em problemas de saúde, o que era comum entre os cativos. O desgaste físico dos prisioneiros é mencionado também por Friedman (1983), que explica que “It was not uncommon for captives to become ill, for some even to die, as a result of the combination of overwork and generally deteriorating physical condition” (p. 66).

Outro exemplo de carta que retrata o sofrimento durante o cativeiro é a de Bartolomeu da Costa, marinheiro cativo dos mouros durante 20 anos, em correspondência à esposa Madalena Francisca. Costa (2014) lamenta que passou por “muitas misérias e trabalhos em este miserável cativeiro” (para. 1) e relata a experiência de sua “miserável vida” (para 1.):

depois que parti de Argel, vai 18 anos que estou dentro de uma galé com uma grossa cadeia ao pé, passando tantos trabalhos e misérias que em carta não vo-lo posso relatar, com trabalho infinito, que nem de noite nem de dia tenho uma hora de descanso, morto de fome e de sede e de roupa mal vestido, e, ao cabo de tudo, com infinitas bastonadas que de contínuo não faltam em galera (para. 1).

Friedman menciona que o trabalho nas galés era o mais comum e o mais duro dos trabalhos feitos por cativos europeus. Segundo a autora, “The most onerous labor was rowing in corsair vessels. [...] It was not unusual for oarsmen to row continuously without rest, for very long periods” (Friedman, 1983, p. 63), descrição que está de acordo com o relato de Bartolomeu da Costa.

Uma carta espanhola que trata do sofrimento do cativo é a de Antonio Morante y Cañedo (2014), escrita em 1622, para Beatriz de Cárdenas, na qual ele conta que embarcou para a Índia, porém “me corrió tan mal mi viaje que fuimos yo y mi amo, con quien fui embarcado, a parar a tierra de moros: Argel. Y he estado cautivo ocho meses pasando muchas necesidades y trabajos” (para. 1). Apesar de não entrar em detalhes sobre o seu sofrimento, Morante y Cañedo menciona as necessidades e trabalhos pelos quais passou nos seus oito meses de cativeiro. Não entrar em detalhes de tal experiência também ocorre na carta de Alonso de Yébenes. Yébenes (2014) conta para a sua mãe que virou cativo, porém decide não relatar a sua experiência no cativeiro por acreditar que ela sabe como é a vida de um cativo: “no escribo a vm la vida que paso porque entiendo que ya sabian por aca la vida que puede tener un esclavo” (para. 1). A presunção de Alonso Yébenes de que sua mãe está familiarizada com a experiência de vida de um cativo está conectada à popularidade de narrativas de viagem e cativeiro na época, como menciona Voigt (2009), e ao fato de muitas pessoas na época terem conhecidos que passaram por esta experiência, como explica Friedman (1983) acima. Esta pode também ser a razão pela qual Morante y Cañedo não tenha entrado em detalhes sobre sua própria experiência.

A menção a Deus é encontrada tanto nas cartas portuguesas como nas espanholas. Durante a relação de seu sofrimento, Costa agradece a Deus por dar-lhe forças para aguentar tal situação. O português escreve: “dou graças a Deus Nosso Senhor por tantas mercês que me faz há tantos anos em dar-me paciência para levar e resistir a tantos trabalhos

e estar vivo até agora” (Costa, 2014, para. 1). Em seu estudo de cativos europeus capturados por nativos americanos, Van Der Beets discute a presença da religiosidade em escritos sobre a experiência dos prisioneiros. O autor argumenta:

The religious expressions deriving from the captivity experience treat the salutary effects of the captivity, especially in the context of redemptive suffering; the captivity as test, trial, or punishment by God; and, finally and most demonstrably, the captivity as evidence of Divine Providence and of God's inscrutable wisdom (Van Der Beets, 1973, p. xiii).

A carta de Costa é um exemplo disto. Deus não é visto como o culpado por sua situação. Ao contrário: apesar de todo o sofrimento enfrentado, Costa agradece a Deus por ter lhe dado forças para suportar a dor e as adversidades. Deus também aparece nas cartas como explicação para a atual condição do cativo. Na carta do valenciano Pedro Boronat (2014), por exemplo, seu cativo é explicado como vontade de Deus: “pues Dios lo quiere así, cúmplase su voluntad” (para. 1).

Referências a familiares, apesar de presente tanto nas cartas portuguesas como nas espanholas, são mais evidentes nos escritos espanhóis, e esta é a principal diferença entre as correspondências nos dois idiomas. Frequentes são as súplicas por notícias da família nas correspondências escritas por prisioneiros espanhóis. O carpinteiro Juan Salvador (2014a) escreve para a sua esposa dizendo que: “La causa de la presente es para avisaros de mi salud, como estoy bueno y con deseo de saber de vos, que os he escrito tres o cuatro letras y de ninguna he habido respuesta” (para. 1) e termina a carta pedindo “os ruego me escribáis [...] es gran descanso al cautivo saber nuevas de su casa” (para. 1). Salvador (2014b) também escreve para sua mulher para pedir que ela lhe escreva –“yo no escribiera sino por rogarla que me escriba (para. 1)”– e novamente faz o pedido por notícias de casa: “me manden a decir todos cómo están y cómo se pasan, que en esto me hará muy gran placer” (para. 1). As cartas de Salvador mostram a importância da família para os cativos. Ter notícias de familiares aproxima o prisioneiro de sua casa e terra natal, já que ele deixa de estar alheio ao que está ocorrendo no seu local e sociedade de origem. Em outra carta, Morante y Cañedo (2014) conta que pretende ir para casa ver sua mãe, e na carta de Alonso de Yébenes (2014) ele pede que a sua mãe escreva com notícias da irmã e dos sobrinhos “porque aca no tenemos otro contento sino quando tenemos una carta de tierra de cristianos” (para. 1). Pedro Boronat (2014), apesar de não pedir notícias da família, manda lembranças a diversos familiares: “Darás muchos abrazos a tu hermana, a mi tío Joseph, a mi tío Antonio Boronat y a toda la demás familia” (para. 2). Esta aproximação da família e necessidade de receber e enviar notícias aos familiares é uma maneira de escapar, metaforicamente, da situação de cativo. É como se estes cativos ainda fizessem parte da sociedade a qual pertenciam e uma maneira de retornar, mesmo que momentaneamente, para uma realidade na qual eles não estão subjugados a um povo visto por eles como bárbaro.

5. CONCLUSÃO

Este artigo propôs uma nova aproximação para a análise da presença do cativo e a experiência de cativo nos estudos ibéricos por focar-se em escritos epistolares enquanto a maioria dos estudos sobre o tema partem de narrativas literárias e oficiais sobre o cativo. O fato de as cartas serem pessoais permite a entrada à vida privada dos prisioneiros. O principal objetivo destas correspondências pessoais é, na sua essência, manter contato com seus conhecidos. Seus escritos não estão preocupados em reforçar o discurso imperialista português ou espanhol, nem em retratar sua posição de cativo como valiosa pelas informações adquiridas durante seu cativo, como geralmente encontramos em narrativas de cativos. Esta característica permite uma perspectiva até então pouco estudada da experiência do prisioneiro.

Além de apresentar um novo acercamento ao tema do cativo em termos de gênero (isto é, escritos epistolares), uma nova aproximação metodológica é utilizada com o emprego de ferramentas e projetos das humanidades digitais nos estudos luso-espanhóis. O projeto *P.S. Post Scriptum* tornou o acesso a estas cartas prático e a utilização das correspondências como corpus deste artigo mostra o valor do trabalho de digitalização. A ferramenta *Voyant Tools* auxiliou a interpretação das cartas a partir de um *distant reading* e visualização do corpus.

A partir da análise presente neste artigo, iniciada com um *distant reading* dos resultados do *Voyant* e comprovadas com o *close reading* do corpus, mostramos as diferenças na maneira pela qual a experiência de cativo é retratada nas cartas escritas por terceiros e pelos próprios prisioneiros, além das semelhanças entre as cartas portuguesas e espanholas. Enquanto os escritos feitos por aqueles que não passaram pela experiência de cativo são mais impessoais e diretos ao mencionar o cativo, tal experiência é descrita de uma maneira muito mais vívida pelos espanhóis e portugueses que a enfrentaram. Os relatos escritos pelos próprios cativos tratam do confinamento, trabalho duro, fome, violência, doenças, ansia pela liberdade e notícias dos familiares. Estas descrições, presentes nas cartas e analisadas neste artigo, servem para ilustrar o sofrimento do cativo ibérico em terras estrangeiras a partir da sua própria voz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bicudo Furtado, M. (2014). 1561. Carta do padre Matias Bicudo Furtado para Lourenço Pires de Távora, embaixador em Roma. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de http://ps.clul.ul.pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/ModernizadasTeitok/antodas_PT/PSCR0142.xml el 10/10/2018.
- Boronat, P. (2014). 1751. Carta de Pedro Boronat para su hijo Francisco Boronat. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de <https://goo.gl/ZF1Yj9> el 10/10/2018.

- Centro de Linguística da Universidade de Lisboa [CLUL]. (2014) *P.S. Post Scriptum: Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna [Base de dados]*. Recuperado de <http://ps.clul.ul.pt> el 10/10/2018.
- Concha, J. (1986). Requiem Por El 'Buen Cautivo'. *Hispanérica*, 15(45), 3-15.
- Costa, B. (2014). 1662. Carta apógrafa, de Bartolomeu da Costa homem do mar e cativo dos turcos a sua mulher, Madalena Francisca, mulher que vendia peixe. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de <https://goo.gl/Yq3VtZ> el 10/10/2018.
- Friedman, E. (1983). *Spanish Captives in North Africa in the Early Modern Age*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- Jänicke, S., Franzini, G., Cheema, M. F., e Scheuermann, G. (2015). On Close and Distant Reading in Digital Humanities: A Survey and Future Challenges. In *Eurographics Conference on Visualization*. Geneva: The Eurographics Association. doi.org/10.2312/eurovisstar.20151113.
- Jorge (2014). 1542. Carta do doutor Jorge, médico, para o doutor Jorge Henriques, seu primo. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de <https://goo.gl/5Pt1Rg> el 10/10/2018.
- Morante y Cañedo, A. (2014). 1622. Carta de Antonio Morante y Cañedo para Beatriz de Cárdenas. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de <https://goo.gl/PWb4kJ> el 10/10/2018.
- Moretti, F. (2007). *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for a Literary History*. London-New York: Verso. Recuperado de <http://hdl.handle.net/2027/heb.08911> el 10/10/2018.
- _____ (2013). *Distant Reading*. [Kindle for Android Tablets version].
- Pereira, J. (2014). 1729. Carta de José Alves Pereira, cativo dos mouros, para Teotónio de Freitas, boticário e familiar do Santo Ofício. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de <http://ps.clul.ul.pt/index.php?action=file&cid=xmlfiles/Revistas/EdictorMerged/CARDS2052.xml> el 10/10/2018.
- Poole, A. (2017). The Conceptual Ecology of Digital Humanities. *Journal of Documentation*, 73(1), 91-122.
- Rockwell, G. e Sinclair, S. (2016). *Hermeneutica: Computer-Assisted Interpretation in the Humanities*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Salvador, J. (2014a). 1542. Carta de Juan Salvador, carpintero de ribera, para su esposa Rafaela Provenzala de Malibera. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de http://ps.clul.ul.pt/index.php?action=file&cid=Revistas/ModernizadasTeitok/neotag_ES/PSCR6056.xml el 10/10/2018.
- _____ (2014b). 1542. Carta no autógrafa de Juan Salvador, carpintero de ribera, para su esposa Rafaela Provenzala de Malibera. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de http://ps.clul.ul.pt/index.php?action=file&cid=Revistas/ModernizadasTeitok/annotadas_ES/PSCR6057.xml el 10/10/2018.

- Santo Antônio, J. (2014). 1730. Carta de José de Santo António, frade, para a Inquisição de Lisboa. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de <https://goo.gl/59dWo1> el 10/10/2018.
- Sinclair, S. e Rockwell, G. (2016). Text Analysis and Visualization. Em S. Schreibman, R. Siemens, e J. Unsworth (Eds.), *A New Companion to Digital Humanities* (pp. 274-290). West Sussex: Wiley Blackwell.
- VanDerBeets, R. (1973). *Held Captive by Indians: Selected Narratives, 1642-1836*. Knoxville: University of Tennessee Press.
- Voigt, L. (2008). Naufrágio, cativo, e relações ibéricas: a História trágico-marítima num contexto comparativo. *Varia Historia*, 24(39), 201-226. doi.org/10.1590/S0104-87752008000100010.
- _____ (2009). *Writing Captivity in the Early Modern Atlantic: Circulations of Knowledge and Authority in the Iberian and English Imperial Worlds*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Yébenes, A. (2014). 1574. Carta de Alonso de Yébenes, cativo en Argel, para Francisca López. Em *P.S. Post Scriptum*. Recuperado de <https://goo.gl/te1p5B> el 10/10/2018.